

DOMINGO, NO JAMOR, O JOGO DECISIVO

Académica ou Benfica

- Qual erguerá a «sua taça»?

Ainda não se sabe quem ganhará a Taça — mas já se sabe que a Taça ganhou uma excelente «final». Académica e Benfica estarão no domingo no Jamor, na apoteose da prova, com a indiscutível categoria das suas equipas, o entusiasmo vibrante dos seus adeptos. Estudantes e «encarnados», juntando-se no jogo decisivo asseguram-lhe, desde já, qualidade da melhor.

Favorito? Para além de se tratar de uma «final», com todos os previsíveis imprevistos destes jogos, não parece suficientemente claro onde mora, neste momento, a superioridade. Uma e outra equipa possuem excelentes jogadores, ambas atingiram o fim da temporada em «forma» muito apreciável.

Os estudantes, vencendo o Sporting em Lisboa e em Coimbra, mostraram que estão a juntar ao seu tradicional saber (jogar), a capacidade de resistência, o ardor combativo, a sagacidade para chegar à vitória, no confronto com um adversário atléticamente mais forte.

E o Benfica — bom a equipa do Benfica tentará acabar uma época em que foi muito discutida, respondendo com a conquista de todas as provas em que participou, no plano nacional. Juntando um triunfo na Taça de Portugal, às vitórias na Taça de Honra da A. F. L. e no Campeonato Nacional. Só a Académica poderá evitar esta «mesa limpa» dos benfiquistas.

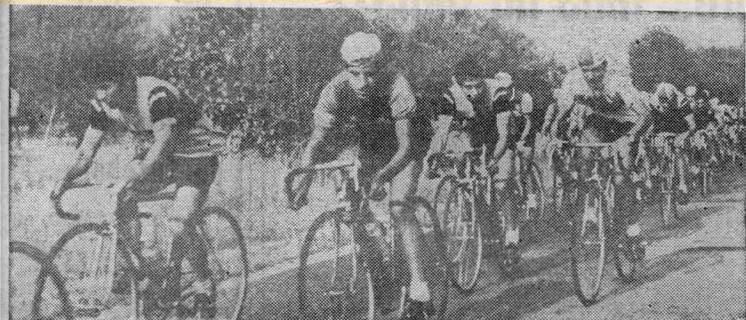
Uma excelente «final» — este sim, o único (e fácil) vicinício que se pode fazer. M. Z.



Alexandre Baptista (antecipando-se ao seu guarda-redes) anula um ataque da Académica

ACADÉMICA-SPORTING (1-0)

VITÓRIA DA MELHOR EQUIPA SOBRE UMA EQUIPA QUE MELHORA



GRANDE PRÊMIO-CASAL

JOAQUIM COELHO (AMBAR) VENCEDOR DA PRIMEIRA FASE

• Comentário de Encarnação Viegas, nosso enviado especial

Terminou ontem em Tavira, na pista do Ginásio daquela cidade, a primeira parte do «III Grande Prémio Casal», em ciclismo.

A última etapa deste troço inicial da competição correu-se pelo sistema de perseguição individual e teve três vencedores: Leonel Miranda, Emiliano Dionísio, ambos do Sporting, e Pedro Moreira, do Benfica, que se classificou «ex-aequo» com o tempo de 5 m. e 26 s. a percorrer as dez voltas à pista.

Curiosamente uma competição velocipédica caracteristicamente de estrada definiu-se na pista. Os ciclistas, no primeiro dia da prova, tinham desenvolvido apreciáveis esforços para conquistar

uma posição, sem que, no entanto, e apesar dos ataques desenvolvidos se desfilasse o numeroso núcleo que registava tempos iguais, classificado logo a seguir ao «ca-

misola amarela» Joaquim Coelho.

Este facto veio impor que fossem os resultados alcança-

(Continua na página central)

Um «novo» Sporting não conseguiu evitar que a Académica esteja na final da «Taça» e, virtualmente, na próxima edição europeia da «Taça das Taças».

Jogando, talvez, como nunca o tenha feito esta época, o «onze» «leonino» acusou ontem o «dedo» de Fernando Vaz, embora não tivesse alcançado o objectivo que a determinação posta no jogo durante o primeiro tempo indicava: recuperar a desvantagem e ganhar a eliminatória.

Comentário de JOAQUIM LETRIA

Jogando de modo a não parecer a mesma equipa que, na primeira «mão» perdeu no seu próprio terreno, face ao mesmo adversário, o Sporting, com um esquema de jogo bem definido e utilizando rapidez e desenvoltura no ataque, não conseguiu bater a defesa opostora, embora criando oportunidades ao longo de todo o primeiro tempo que justificavam, sem risco de contestação, em resultado favorável quando o sr. José Alexandre (de Santarém) deu a soprada dos 45 minutos.

Três factores influíram para que, durante o primeiro tempo, o Sporting não marcasse: as exhibições impecá-

veis de Vieira Nunes e Belo; a sorte dos estudantes; e a sofreguidão (embora, desta vez, mais comedida, controlada) dos avançados de Lisboa.

A Académica acusou, por seu lado, ao longo do primeiro tempo, o nervosismo natural de uma equipa que sente à sua volta a tensão e a ansiedade que toda a cidade de Coimbra transpira neste momento e o peso das responsabilidades de um jogo com as características deste.

Os minutos finais da primeira parte vieram mostrar, no entanto, a quantos assistiram à partida, aquele fute-

(Continua na página central)

AGOSTINHO - «SALTO» DE 200 KM PARA O 1.º LUGAR DA VOLTA AO LUXEMBURGO!



DIEKIRCH (Luxemburgo) 16 — O português Joaquim Agostinho subiu ontem ao primeiro lugar da classificação geral da «Volta ao Luxemburgo», com 55 segundos de vantagem sobre o segundo, o italiano Pecchiolan, que foi o vencedor da etapa entre Esch-Sur-Alzette e esta cidade, por um percurso muito acidentado, na distância de 235 quilómetros.

Agostinho e Pecchiolan chegaram isolados à meta com 3 m. e 6 s. de vantagem sobre o pelotão, ao cabo de uma fuga de 200 quilómetros durante a qual os dois corredores chegaram a desfrutar de cerca de 11 minutos de avanço.

Já com a meta à vista perante grande multidão, com tempo quente e de trovoadas, o italiano «sprintou» e cortou a linha de chegada com cerca de três metros de avanço sobre o corredor português que deixou nitidamente a vitória ao adversário.

Os dois fugitivos gastaram

(Continua na página central)

«24 HORAS DE LE MANS»

ESPECTACULAR VITÓRIA DA «FORD»



JACKY ICKX



JACK OLIVER

(PÁGINA 8)

(Continua na página central)

O GRANDE JOGO DE COIMBRA

O SPORTING JÁ SUGERIU COMO JOGARÁ NA PRÓXIMA ÉPOCA

(Continuação da 1.ª página)

bol rendilhado, suporífero, mas que, súbitamente, se transforma em golpes temíveis, enfim o futebol que os estudantes-jogadores sabem praticar como ninguém. Nos 44.º e 45.º minutos a Académica reteve a bola, trocando-a entre os seus componentes, em triangulações adormecedoras, enredando o Sporting numa teia de passes dos quais surgiam oportunos e perigosos lançamentos para os dois homens adelantados no terreno (Nene e Manuel António).

O «frisson» das ocasiões de golo

...E foram esses minutos que antecederam o intervalo que devem ter tranquilizado

cavam o golo que não apareceu.

Vieira Nunes e Belo — os melhores dos 13 estudantes utilizados — constituíram, desde sempre, o maior obstáculo para os atacantes lisboetas e foram também eles a «coluna vertebral» de toda a equipa da Académica, ora defendendo (e de que maneira!), ora lançando, em profundidade, os camaradas da frente.

O segundo tempo foi bem diferente dos 45 minutos iniciais. Três características fundamentais assinalaram-no:

- 1 — A Académica jogou melhor acabando por justificar a qualificação para a final, embora o empate estivesse mais certo neste jogo.
- 2 — Em consequência do

dos estudantes foi o perfil dos restantes minutos.

*

José Moraes substituiu Oliveira Duarte na segunda metade, não se tendo visto, todavia, o objectivo de Fernando Vaz, ao trocar de extremo esquerdo, tanto mais que Oliveira Duarte, embora pouco solicitado pelos companheiros, havia realizado um bom trabalho.

Na Académica, Peres substituiu Vitor Campos, aos 68 minutos, obrigando, logo a seguir, Damas a uma defesa difícil. Aos 82 minutos Rocha entrou para o lugar de Mário Campos, conseguindo alegrar os movimentos atacantes nos derradeiros minutos.

O Sporting fez a sua última substituição logo a seguir ao golo, tendo Barão tomado a posição de Chico.

*

Vieira Nunes e Belo tiveram o «contraponto» em Gervásio, que fez toda uma partida infeliz apesar de ter melhorado a seguir ao golo.

No Sporting, Damas (apesar do «frango»), Pedro Gomes, Gonçalves e Lourenço, distinguiram-se pela forma como souberam jogar.

*

O sr. José Alexandre, de Santarém, não teve grandes problemas ao longo da partida, embora os seus auxiliares tivessem provocado, por diversas vezes, «broncas» justificadas, com marcações ou omissões de «off-sides» e bolas fora.

Estádio Municipal de Coimbra, com cerca de 25 mil pessoas.

ACADÉMICA — Viegas; Curado, Vieira Nunes, Belo e Marques; Rui Rodrigues e Gervásio; Mário Campos, (Rocha) Manuel António Nene e Vitor Campos (Peres).

SPORTING — Damas; Pedro Gomes, Alexandre Baptista, José Carlos e Hildário; Gonçalves e Pedras; Chico (Barão), Márinho, Lourenço e Oliveira Duarte (José Moraes).

Árbitro: José Alexandre (Santarém).

3.ª DIVISÃO DA A. F. LISBOA

PRESENTES NA FINAL

V. PINHEIRO E SANTA MARIA

Confirmando o favoritismo adquirido na ronda anterior, Venda do Pinheiro e Santa Maria saíram novamente vencedores dos jogos disputados com o Operário e P. Frielas, respectivamente, por 5-3 e 2-0, resultados que os creditam agora como finalistas do Campeonato Distrital da III Divisão, que, assim, chega ao seu termo.

e Bairro Taxa, 16; Campolide, 10 e Aum Zenove, 9.

SÉRIE D — Lisboa e Universitário, 25 pontos; Lusitano C. A., 18; Mirantense, 16; Rangel, 13 e Amoreiras, 11.

SÉRIE E — Calhariz e Dafundo, 24 pontos; Linda-a-Pastora, 22; Fontainhas e Lusitano C-B, 14 e Sete Molinhos, 10.

SÉRIE F — C. Católico, 19 pontos; Prior Velho, 17; Oriental e Andorinha, 14; Graça, 8.

SÉRIE G — Intendente, 20 pontos; Gradiense e Fundação, 15; Carmo, 11 e Santa Maria, 9.

Juniões da II Divisão

Vencida a 5.ª jornada da 2.ª fase, o «Distrital» de juniores da II Divisão, apresenta as seguintes classificações:

SÉRIE A — Império, 12 pontos; Arrólos, 11; Mem-Martins, 10 e Camarate, 7.

SÉRIE B — St.ª Catarina, 12 pontos; Santa Iria, 11; Boa Hora, 9 e Vila-franquense, 8.

SÉRIE C — Casalense, 13 pontos; Tojal, 12; Águias, 10 e Liberdade, 5.

SÉRIE D — Estoril e F. Benfica, 12 pontos; Carregado e Mafra, 8.

Amadores

Com os jogos correspondentes á 9.ª jornada, prosseguiu ontem o «Distrital» de Amadores, prova que se tem revestido de grande interesse e cuja classificação é a seguinte:

SÉRIE A — S. L. Águias-A, 27 pontos; Águias A, 22; Económicos, 18; Bela Vista, 16; Adicense e S. Bento, 12.

SÉRIE B — Fonte Santense, 27 pontos; Castelo, 22; Liberdade, 17; Santana, 16; Alvalade, 14 e Águias B, 12.

SÉRIE C — Internacional, 20 pontos; S. L. Águias B



A «Pantera» — ela aí vai, lançada, depois da finta, em velocidade, na direcção da baliza da C. U. F. Bambo e Vitor Marques, já nada podem fazer. Um lance, com a marca inconfundível de Eusébio

C. U. F.-BENFICA

EMPATE — LENITAMENTE PARA A «ALMA»

Estavam todos convencidos da inevitabilidade do apuramento do Benfica. No entanto, a Cuf, como lhe competia, num arremesso de brio, lutou, se não pela recuperação total, que se antolhia inviável, ao menos pela vitória no jogo, que corresponderia a uma eliminação honrosa. Não o conseguiu, mas ficou a beleza da sua atitude, que o empate não ofusca. Aliás, igualar com o campeão nacional, seja em que circunstâncias for, nunca deixará de ser honroso.

Contudo, os cufistas começaram o encontro da maneira mais auspiciosa. Com a equipa benfiquista na expectativa, os visitantes trataram, primeiro, de comandar as operações e, depois, de ten-

expectativa. Os pontos de lança lançavam golpes sobre golpes sobre o sector recuado dos «encarnados». Estes, na ma toada económica, limitavam-se a atacar esporadicamente fiados na capacidade

Comentário de FRANCISCO CAMILO

tar a sua sorte. Que estavam dentro da razão ficou demonstrado ao bater do primeiro quarto de hora: Rogério centrou do lado esquerdo, J. Henriques socou mal, para a frente, e Madeira acorreu para uma recarga certa.

O Benfica terá feito as suas contas: «ainda temos três de avanço». E a Cuf continuou a jogar.

Bem preenchido o meio-campo, onde Pedro confirmava as suas excelentes qualidades, com uma defesa decidida e segura, os visitantes agarraram o desafio, sem que os lisboetas sassem da

rematadora dos seus homens. Também não era disparatado o expediente do grupo de Luz, que se abeirou então, com extremo perigo, da baliza adversária. Todavia, João Graça desperdiçou um ensejo soberano e, em resposta, a Cuf voltou a marcar: um «livre» executado por Arnaldo levou o esférico a Capitão-Mor, que cabeceou primorosamente. Os 2-0 cessaram sensação, mas não alarmaram os «rubros». Tanto, que estes tomaram as suas precauções e afastaram do campo da luta para longe da zona da verdade.

Quando caiu o intervalo, o Benfica era outro. Melhor



As mãos de Damas chegaram mais alto

os homens de Coimbra e provocado a sua melhoria na segunda metade do desafio, jogada já com confiança readquirida.

Não se pense, no entanto, que os outros 43 minutos anteriores aos 120 segundos de futebol excelente e de «delírios» nas bancadas (repletas de estudantes, de carcaças e de gritos académicos) não tiveram ocasiões perigosas para a baliza de Damas.

Aos 7 minutos Rui Rodrigues, na transformação de um «livre» directo (a uns trinta metros das redes sportingistas) arrancou um pontapé fortíssimo sobre a barreira, batendo Damas, mas a bola encontraria a barra. Resposta a este lance de golo feito só a leve o Sporting, aos 26 minutos, quando Lourenço, sózinho à frente de Viegas, rematou contra o pé do «keeper» em desequilíbrio, aliviando Curado de seguida.

A jogada que originou este remate de Lourenço foi, talvez, a mais bonita de todo o desafio com os avançados do Sporting a trocarem a bola entre si ao primeiro toque, desmarcando-se, criando os necessários espaços vazios. Esta jogada e algumas outras semelhantes (com Pedras, Márinho e Lourenço a combinarem bem) justifi-

seu melhor futebol, a Académica obteve o golo solitário do desafio.

3 — Ambas as equipas esgotaram as substituições evitadas no primeiro tempo.

*

Foram os dois minutos finais da primeira parte que trouxeram uma Académica tranquila para os últimos três quartos de hora. Nesse tempo o Sporting acusaria o esforço despendido e, talvez, já não acreditasse, ao regressar das cabinhas, na recuperação.

A verdade é que, ao longo da segunda parte, a Académica jogou não só para não perder, como parecia ter feito até aí, mas também, e principalmente, para ganhar. O único golo da partida surgiu aos 72 minutos e, por ironia, foi «oferecido» pela equipa que mais o procurou: o Sporting. Rui Rodrigues, marcou um «livre» sobre o lado direito, em «balão», tendo Damas agarrado a bola facilmente para, na queda, a deixar escapar inexplicavelmente. E Manuel António, rápido, não perdeu a oportunidade.

Algumas avançadas de um Sporting sem convicção e a retenção da bola por parte



Madeira, ágil, oportuno, leva a melhor entre Simões e Adolfo, com o «par» formado por Bambo e Abel, á espera da solução